



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# 16 de Julho

# Aqui, Lisboa!

«Há um trabalho que não cansa; é o que se faz por amor de Deus. Como descansam esses obreiros? Cansando-se mais.» (Pai Américo).

E hoje. Por ser domingo (Há vinte e dois anos foi segunda-feira e às 6 e 5 da manhã uma luz se acendeu no Céu) não saímos, como vem sendo hábito.

Ontem à noite fizemos uma pequenina festa no adro da nossa Capela. Tocou-se, cantou-se, dançou-se. Celebrámos a Vida para que todo o homem nasce e que em alguns brilha com tanta evidência que apaga definitivamente o que a morte possa comportar de tristeza.

Enquanto a festa decorria, recordei a que Pai Américo quis fazer na espadelada do linho em 1955, a derradeira colheita da sua vida no mundo. Era o jovem folgazão da viola e das romarias, que os

anos e os trabalhos e o sacrifício incondicional do seu ser não impediam de renascer e se manifestar. Que alegria vibrante quando, a propósito de qualquer data, ti João Manco e sua companha o brindavam com cantares ao desafio acompanhados pelos singelos e típicos instrumentos das rabeladas!

Então fui eu o «velho do Restelo» e a festa não se fez. Ia começar a fase final de dilaceração, como acontece à uva madura que vai ser esmagada para se tornar em vinho delicioso. O destino das coisas fecundas!

Ontem, enquanto a festa decorria, recordei e tive remorsos. Antes de Sexta-feira Santa foi

Domingo de Ramos. O Senhor fez em triunfo as vésperas da Sua Paixão. Que pena Pai Américo não se ter revestido uma última vez da alegria conservada desde a juventude, ao iniciar a sua semana maior, o tempo de purificação que o preparou para a posse plena de Deus, Causa da sua perene alegria! Mas também fiquei contente, ao revê-lo sorridente com a festa dos seus filhos, a festa que seus filhos lhe fizeram no seu dies natalis.

Hoje foi a Missa. A parábola de Isaías e a do Semeador que saiu a semear vieram mesmo a condizer. Pai Américo foi um homem de Esperança. Acreditou que a chuva não cai em vão; e confiou que toda a terra, mercê da vontade do homem, é possível de transformar-se em terra boa, capaz de produzir cem ou sessenta ou trinta sementes. E se não..., não imputar a culpa a ninguém, mas «chorar os nossos pecados».

Estavam alguns dos nossos casais, de dentro e de fora. Mais tarde apareceu o Victor, fundador da Casa de Benguela e ainda hoje trabalhando naquela cidade angolana. Não o

Cont. na 3.ª pág.

Escrevemos no dia 16 do corrente. Há 22 anos, precisamente, tendo ido ocasionalmente a Coimbra, soubemos, por um irmão nosso, da sua morte. Parece que foi ontem. Ficámos perturbados. Regressados a Lisboa nesse mesmo dia, quando a 17, pela manhã, entre as 7 e as 8 horas, ouvimos uns operários comentar o evento, a caminho do trabalho, mais nos convencemos de que havia morrido Alguém.

Somos hoje Sacerdotes, que a Deus é possível transformar as pedras da Rua em filhos de Abraão. Para lá das limitações que carregamos, uma só coisa pretendemos: ser de Deus e dos Homens como Pai Américo o foi, na linha do Mestre de Nazaré. Por isso citamos Pai Américo no limiar deste escrito. É um compromisso público, a que só podemos ser fiéis com a «força» de Deus. Verdade na nossa vida. Empenhamento sério e sem reservas. Lealdade nas nossas atitudes. Eis aquilo que pedimos nesta hora, certos de que «há um trabalho que não cansa; é o que se faz por amor de Deus». E mais: «os Padres da Rua são, por natureza, o pai de famílias; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra: até ao desgaste final — a morte». Fora disto seremos uns instalados ou, quando muito, uns incoerentes. Deus nos ajude.

● A Rádio e os Jornais noticiaram, ao que parece. Duas crianças andrajosas, com ossos bem salientes, com piolhos e porcaria à mistura, foram encontradas abandonadas na estação do Rossio. Uma delas, a mais pequena, aí com 5 ou 7 anos, cheia de cicatrizes recentes, por todo o corpo, de graves queimaduras, foi içada no preciso momento em que se desequilibrava para baixo do comboio, ainda em movimento. Andavam cheias de fome. Mal falavam. Diziam ter mãe mas que o pai morrera. No instante em que escrevemos ainda não deslindámos o assunto.

A Cruz Vermelha contactou-nos ao fim da tarde. Ora nós, que nos habituámos a dizer «não» por mais não podermos ante os inúmeros casos que nos são presentes, não pudemos deixar de dizer «sim». Corte de cabelo, seguido de banho e roupa lavada;

Continua na QUARTA página

## Malanje

● Aliar ao estudo nas escolas, o trabalho das oficinas e do campo é tarefa prioritária dos Serviços de Educação.

Isto mesmo, na Obra do Gaiato, nós fazemos há trinta e muitos anos: os que estudam à tarde, de manhã cortam lenha, fazem o pão, negam as couves, plantam a batata, reparam os tractores, limpam as casas, alizam as tábuas, cuidam dos porcos, tiram leite e guardam o gado. Os que estudam de manhã, entram à tarde na maralha.

Foi assim no tempo colonial, durante os tirotelos e a seguir à revolução. É este o segredo da nossa fartura e bem-estar em comparação com as populações que nos rodeiam. Pai Américo ultrapassou as revoluções.

● Uma família cristã? Temos feito sempre esforço — embora longe de chegar ao ideal. A caminhada é difícil, porque grande a carga dos nossos defeitos e fraquezas. Mas, precisamente, neste caminhar reside a nossa alegria cristã. Este esforço para conseguirmos: vencer os defeitos, amar o trabalho, ter respeito e amor aos outros, repartir o que nos sobra, conhecer o nosso Deus.

● O Gamboa anda na quarta classe e à tarde trabalha na rouparia. Foi há dias surpreendido a vender roupa a um dos nossos trabalhadores!

Chamado ao nosso tribunal, confessou o seu pecado. À frente de todos, seus olhos ficaram maiores ao sentir os duzentos dos companheiros poisados nele em acusação...

— A quem pertencia a roupa que o Gamboa vendeu?

— A todos — responderam.

— Não volto mais — disse ele.

...Oito domingos a guardar o gado no rio Bambi — a sentença.

Padre Telmo



A égua de Malanje e mais três dos seus amigos posam para os nossos leitores.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Tojal

**FESTAS** — Como sempre, procurando não quebrar a tradição, este ano voltámos a ter Festa em Lisboa e Loures. Isto porque a necessidade de um encontro com os nossos Amigos nos faz ultrapassar todos os obstáculos. A organização, ensaio e execução do programa acarretam sempre bastantes dificuldades. Nem sempre há tempo para nos dedicarmos a uma actividade do género. E se este existe, por vezes, falta-nos a disponibilidade pessoal e o empenhamento, factores necessários e indispensáveis para levarmos por diante, com firmeza, qualquer obra. Impele-nos todavia a convicção de que a nossa presença, sempre esperada e desejada, é motivo de admiração e respeito (Note-se que quando digo «nossa presença», refiro-me à Obra, personificada em cada Rapaz). Somos motivo de meditação. Cada uma das pessoas, dos Amigos, medita naquilo que vê, reflete sobre a sociedade e revê a sua própria vida... Soubera cada um de nós, Rapazes, ser realmente merecedor de tal e corresponder com verdade a toda a amizade e caminho que nos são dispensados.

Por último está a mensagem que procuramos transmitir com a peça e com os números concebidos. Tolerá-se que muitos dos Rapazes possam pensar sómente em ensaiar-se bem para que o passo não saia trocado. Que cada um procure afinar a sua voz para não dar «barraca». Estou convicto que não é o resultado artístico que motiva as pessoas que enchem as salas de espectáculos. Isso é tudo muito secundário.

Algum tempo depois da última apresentação, aqui estou a recordar para aqueles que conosco estiveram, um pouco daquilo que lá foi feito, daquilo que lá foi dito e daquilo que lá se viveu.

Como decerto se lembrarão tudo

começou com a audição da voz de Pai Américo. Presença oculta mas perfeitamente perceptível. Ele, apesar de já ter partido há 22 anos do nosso convívio, continua bem vivo e presente no meio de nós de modo a alimentar a chama que suporta toda a vida da Obra e torna possível a sua existência como tal.

Vem-me a tentação de transcrever aqui parte daquilo que ouvimos, daquilo que Ele, com a sua força de expressão única, nos ensinou. Mas fica para mais tarde, noutra coluna.

Tivemos como tema para a peça, o Sermão da Montanha. Palavra sempre nova, carregada de conteúdo onde o único senão foi, é, a nossa incapacidade própria, a nossa pequenez para cumprir, para viver tanto quanto possível aquilo que está para além do texto, aquilo que transparece claramente das Bem-Aventuranças.

Na segunda parte do programa houve danças, canções e algumas imitações de teatro para satirizar um ou outro aspecto da vida corrente. Desta parte salientamos alguns números mais expressivos ou pitorescos: os «Salaios» contaram-nos as peripécias, passadas na sua visita a Lisboa, não escondendo uma grande admiração por verem um homem de chumbo em cima dum cavalo, no Terreiro do Paço; o «Médico da Caixa» sempre pontual e eficiente com a sua receita do descanso de 24 horas por dia; a «Sociedade da Vaquinha» onde se descobriu que o tempo das «voas gordas» já lá vai, que novas doenças vão aparecendo e que a última (doença) se chama Escrava Isaura. Que muitos calmantes esta fez tomar em prejuízo do apetite à hora do almoço. Agora que acabou, mais calmantes serão necessários para vencer o nervoso, criado pelo tédio gerado com o seu desaparecimento...; como se isso não bastasse um grupo de «Atletas» deu uma sessão de ginástica, exibindo chapéus de palha e bengalas, vestidos a rigor, num gesto de confiança nas eleições para perfeito de Tangará. Tudo para acabarem mexendo na célebre banheira...

Depois dos *slogans* — «coma conservas portuguesas», «coma batatas» e «consume massas alimentícias» — nós lançámos o convite para acompanharem tudo isto com um «Bolo de licor caseiro — tipo Gaiato». O nosso mestre dá a receita... Não faltou um período de informação, preenchido com o Marretajornal, onde os nossos amigos «Petas e Bocas» deram a conhecer ao grande público, de modo bastante imparcial e apertado, as últimas novidades. Chegaram mesmo a artiscar algumas previsões. Só não conseguiram prever os últimos aumentos e os que já por aí se falam...

Os mais novos contaram (cantaram) a história do bicho da seda e de um irmãozinho meio traquina. De notar ainda a referência feita (na abertura) ao flagelo chamado aborto que se pretende, de diversos modos e por diversas vias, institucionalizar no nosso País. Ocorreu por essa altura a festividade do Dia da Mãe. (Está muito em voga a comemoração disto ou daquilo, através da consagração de um dia especial. Nos outros dias as coisas ou pessoas não existem, deixam de merecer atenção.) Mãe..., palavra que para a maioria de nós, Rapazes, poderia estar despida de sentido. Porém, por tudo aquilo que nos separou delas, não deixámos de ser filhos. Não há que atirar pedras a esta ou àquela. Vamos, antes, como foi dito e reafirmo, agradecer com o nosso comportamento, com o nosso caminhar no futuro, o dom (que é um direito) mais belo que nos foi dado — a vida! Isto faz-se hoje, amanhã e sempre. É preciso que cada um saiba ser digno dessa vida, dom de Deus, logo de Amor, resultante de um acto onde Este pode ou não ter estado presente.

Prestes a finalizar esta crónica quero ainda agradecer mais uma vez a todos aqueles que tornaram possível a nossa presença naquelas salas a que fomos e a todos aqueles que de algum modo contribuíram para a prossecução dos fins em vista.

Estou certo que novos encontros virão com base nos mesmos sentimentos e que tudo aquilo que se fez até agora dará os seus frutos, como os versos da nossa marcha de despedida: «a nossa porta está aberta para todos receber».

Jorge

## Miranda do Corvo

**ANO ESCOLAR** — Findou o ano escolar cá por Casa e o aproveitamento geral foi razoável.

Chegou o tempo de férias e, consequentemente, a praia. Alguns dos nossos rapazes já se encontram em Mira a passar as suas merecidas férias.

**AGRICULTURA** — A nossa agricultura tem sofrido várias crises devido às condições climáticas deste ano. Assim, as nossas oliveiras apresentaram-se muito floridas, mas parecem vir a dar pouco fruto. O mesmo parece vir a acontecer com as videiras, que nos têm requerido muito trabalho mas que não parecem vir a dar maior abundância em relação aos outros anos.

**BATATAS** — Segunda e terça-feira fizemos a colheita da batata da nossa vinha. Para isso foi preciso a ajuda de grande parte dos rapazes que se encontravam já em férias. Assim, partiu no domingo à tarde, de Mira, um grupo de 25 dos nossos rapazes rumo a Miranda do Corvo. Antes, porém, fizemos uma pequena paragem em Coimbra para assistirmos às Festas da Rainha Santa. Chegámos a Casa ao fim da tarde, todos bem dispostos, para recomeçarmos no dia seguinte uma nova semana de trabalho. Foram quase dois dias de trabalho exigente. Muitos de nós (os mais velhos), começámos a arrancar batata às 6,15 h da manhã, mas chegámos ao fim do dia alegres, embora estafados. Acabámos a colheita da batata na terça-feira de manhã e, no meio da malta, houve muitos suspiros de alívio, não propriamente pelo trabalho mas porque alguns já sentiam dores de rins pelo esforço dispendido.

A colheita rendeu cerca de 400 arrobas o que não é nada mau em relação a outros anos.

Depois do almoço o grupo que estava em Mira fez a viagem de regresso, que decorreu em ambiente alegre.

Entretanto, a nossa vida em Miranda do Corvo não pára. Enquanto uns passam férias, outros trabalham, aguardando também que chegue a sua vez.

Assim haverá sempre compreensão e amor entre todos os rapazes.

Jorge Calmeiro

## Praia de Mira

Olá amigos! Vou aqui fazer um pequeno resumo da nossa estadia na Praia de Mira.

As férias começaram mais ou menos ao mesmo tempo que o ano passado. Primeiro, foram alguns para limpar a casa e montar os balancós. Outros foram depois, mais tarde, quando tudo estava preparado.

O primeiro turno, que tem por chefe o Manuel António, está a findar as suas praias. Podem estar um pouco tristes por irem embora e outros alegres por irem passar as suas férias merecidas...

O tempo e o mar têm estado óptimos o que proporciona umas boas férias. Que belo espectáculo é ver os barcos a irem à pesca e os bois a puxarem as redes!

Desde já não queremos deixar de agradecer aos pescadores desta praia, que estão sempre dispostos a ceder-nos algum peixe que é fruto de grandes esforços.

Ouvem-se, por vezes, os nossos, de saco na mão: «Dê um pouco de peixe para a Casa do Gaiato». E eles, sem mais hesitações, enchem os sacos!

De vez em quando, vamos dar um passeio pela floresta, regressando pela barrinha para tomar banho, que é a alegria da maior parte da malta. Também vamos à Sagrada Família participar nos convívios que lá se fazem com o Manuel António e o Carlitos à viola.

Padre Horácio está cá a passar, também, as suas férias. E P.e José Maria de visita.

Estávamos no pequeno-almoço, quando um dos nossos lança um grito: — «Olha o P.e Abraão!» e, por acaso, era. Depois de ter saído de nossas Casas, P.e Abraão mostra jamais nos esquecer com as suas frequentes visitas.

(As nossas férias irão prolongar-se até 15 de Agosto. Depois cederemos a Casa aos nossos amigos de Amadia, que virão cá passar as suas férias.

Joãozinho

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**AUTO-CONSTRUÇÃO** — Nos últimos tempos, que o próprio tempo ajuda a erguer moradias, temos distribuído *pequenos auxílios* (quem nos dera fossem grandes!) às mãos cheias, entre os Auto-construtores ocupados em suas novas moradias.

O nosso tesoureiro estremece quando damos conta dos pedidos! E não tem razão... A verdade é que, na hora própria, o Senhor Se serve dos nossos Leitores para dar a Sua mão.

É o que fazemos, Damos algo para ajuda da telha que está por um preço descomunais.

As moradias cobertas são, digamos, um primeiro passo no empreendimento. Daí para a frente são as dores de parto: os acabamentos! Trolhas carpinteiros, electricistas, picheleiros... e materiais afins. Verdadeiras fortunas!

É evidente, abrimos a bolsa na proporção das disponibilidades, em função do valor da obra — consoante o agregado e suas carências.

Somos uma presença de Igreja entre os Auto-construtores. Um pequeno alívio no meio da quase indiferença total. Sim, porque é necessário suar, dobrar um pouco as costas, sofrer com os que sofrem para se avaliar como, neste País, com uma tremenda necessidade de moradias, as coisas andam tão à balda. E mais: sem vislumbrarmos estruturas capazes de dar a mão aos heróicos Auto-construtores.

Foi no domingo passado. Aparecemos mais um, ansioso por se lançar na aventura — mas bloqueado. Quer implantar a sua moradia num monte inóspito (não é zona verde...), ao lado do seu irmão. O técnico fez o levantamento da praxe. O risco topográfico e a papelada normal seguiram os trâmites legais. Caso curioso: o requerimento do irmão, paredes-meias, obteve deferimento. O dele, porém, como se fosse um estrangeiro em sua Pátria, foi indeferido sem justificação oficial, que seria lógica no País mais democrático do mundo, dizem.

O pobre do moço lá tem andado à volta do técnico que, agora, aconselha a «meter mais uns metros», a ver se a coisa cola!

Nós compreendemos e aceitamos os cuidados necessários para se defenderem as reservas naturais — tão do agrado dos Ecologistas. Nós com...



Um expressivo número da nossa Festa no «Monumental», em Lisboa: «Os Salaios».



preendemos e aceitamos a justa aplicação das leis. O que não aceitamos são discriminações injustas, como no caso vertente. Pois se um lote, requerido pelo irmão, paredes-meias, foi defectivo, porque não o outro, 100% com as mesmas características?!

**PARTILHA** — Agora, vamos dar nota de pouco menos de uma dúzia de cireneus que não esquecem os nossos Pobres.

No Espelho da Moda o assinante 13519 deixou ficar 500\$00. A assinante 17786, 100\$00 «por alma de Joana». A n.º 19177, o mesmo, com uma saudação amiga: «Até ao próximo mês, se Deus quiser». Assim, sim! Ainda no Espelho da Moda, 500\$00 de «uma Mãe cristã» que «gostaria de enviar muito mais para ajudar os Pobres, mas de momento é impossível. Apenas vontade de os ajudar. Que eles me lembrem a Nosso Senhor. Mas talvez não seja preciso, pois o Senhor tudo vê e atenderá as minhas súplicas».

Estremoz, 500\$00 de «velha assinante», com um voto: «em memória de minha Mãe». A presença habitual dos Amigos de D. António Barroso: 50\$00. Lisboa, rua da Lapa, 100\$00 «para o que for mais preciso. É da minha primeira reforma». O primeiro quinhão para os Pobres!

Mais 100\$00 de Amélia, também de Lisboa. O mesmo do Porto, pela mão do nosso «Cascais». Mais 80\$00 de Anta. Setenta e cinco de Fernanda. E, por fim, 500\$00 do Fundão, para ser «gasto com um reformado, pois é a forma de comemorar o início da minha reforma!» Já cumprimos. E Deus o ajude.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

### INSTRUMENTOS MUSICAIS

— De Aveiro, por intermédio da Ass. n.º 22432, 50\$00; 150\$00 de uma senhora amiga; 100\$00 por intermédio da sr.ª Júlia; 1.000\$00 de Nisa e estas palavras:

«Acompanhando a leitura de O GAIATO, estou dentro dos vossos apelos e um deles é o dos instrumentos musicais. Para esse fim vão estes mil escudos.

O desejo de vocês possuírem os instrumentos é grande, a quantia que envio é pequena, mas o desejo de vos mandar mais é ainda maior, mas paciência...

Com este pouco sei alegrar a alma do meu marido, pois, sendo músico desde os 12 anos até aos 69, em que Deus quis tirá-lo deste mundo ingrato, tudo daria pela música.»

O nosso obrigado a todos, mas ainda precisamos que mais ofertas nos cheguem e nós tudo faremos para as conseguir.

Quanto a música, brevemente haverá um Festival Amador da Música Portuguesa aqui numa zona vizinha — CETE, que o Centro Cultural daquela localidade se propõe realizar.

Nós, dentro das nossas possibilidades, iremos participar e, se por acaso tivermos a sorte de ganhar, o dinheiro do prémio reverterá para instrumentos.

Oxalá tenhamos sorte! E mais ofertas cheguem...

Vamos saboreando a presença amiga de todos os que vêm ao nosso encontro e ajudam, conscientemente, a construir a nossa vida; e a construção da nossa vida é, essencialmente, a construção de homens.

Mesmo durante a época das nossas Festas em que trazemos para Casa pão em mais abundância, os Amigos que fizeram da nossa vida parte da sua vida, não esquecem o nosso pão.

De Coimbra — «Irmão: aí tens do dinheiro das bicas e bagaços que não bebi durante

«VOZ DOS RIDÍCULOS» — É certa a presença de um numeroso grupo de pessoas e acompanhantes da «Voz dos Ridículos», que emite vários folhetins na Rádio todos os dias. Estarão conosco dia 23 de Julho, e digo estarão porque escrevo uns dias antes da visita.

Vão apresentar-nos algumas das suas peças cómicas e conviver conosco. É uma visita do nosso agrado e do agrado das pessoas que, com certeza, virão assistir à actuação destes nossos Amigos.

**FESTA EM AROUCA** — Sábado, dia 8 de Julho, fomos actuar e disputar um encontro de futebol, saindo vencedores por 7-6.

Em seguida foi o jantar que as pessoas de Arouca nos quiseram oferecer, para, de seguida, ser o espectáculo.

Actuámos num salão de jogos, com hóquei, futebol de salão, etc. Como o salão era grande, tinha grande ressonância e a princípio pensou-se que a coisa seria mais leve quando a sala enchesse, o que não aconteceu. Por isso, a festa não correu como prevíamos por via da má acústica da sala.

De qualquer maneira fomos muito aplaudidos e bem recebidos.

«Partimos com a esperança de voltarmos novamente» — assim diz uma das canções que os «Batatas» cantam no fim do espectáculo. E assim é, na verdade. Próximo ano esperamos voltar a encontrar-nos. Um forte abraço de todos os que conviveram conosco nessa tarde tão agradável e cheia de boa disposição.

«Marcelino»

## Malanje

**DESPORTO** — Conforme já tivemos oportunidade de dar a conhecer aos nossos leitores, o futebol, em nossa Casa de Malanje, renasce com muitos êxitos. Nos encontros que tivemos com várias equipas, nunca tivemos a infelicidade de perder um jogo. Sempre vitoriosos!

Mas, infelizmente, com a saída de alguns elementos mais destacados que compunham a turma, caímos novamente. Também não dispomos de tempo suficiente para treinar, visto que as aulas nos ocupam o tempo todo.

Temos interesse em praticar outras modalidades de desporto, como basquetebol, hóquei-em-patins, etc. Mas, como não possuímos equipamento necessário, não nos é possível praticar.

Pedimos uma colaboração da vossa parte para nos ajudarem a resolver este problema fundamental para a nossa Casa.

Carlos Jorge Augusto («Banana»)

# TRIBUNA DE COIMBRA

a Quaresma. Um abraço em Cristo». Saboreámos este acto penitencial que nos parece de muita autenticidade cristã.

De Castelo Branco — «Amigos: permitam-me que deposite no Banco de Deus alguma coisa do muito que Ele me tem dado. Agradeço, não me agradeçam. É Banco que não está sujeito aos assaltos que têm sido tão frequentes nos últimos tempos. Em Deus tudo está seguro».

Velhos Amigos de Gramaços que têm continuado as mãos dadas que deram a Pai Américo desde a sua primeira hora de recoveiro. A paróquia de S. José de Coimbra que se reuniu em nossa Casa num dia de reflexão pastoral e nos encheu de mimos.

E os grupos de Catequese e Escolas Primárias, com catequistas e professores a saborearem o que é a vida numa Casa do Gaiato e a oferecerem os seus presentes. E uma lista de nomes com ofertas no fim dum almoço de confraternização. E a visita e jogo do Bairro do Loreto. E agora a descoberta de Amigo ou Amigos da Nazaré que nos carregam de peixe. E o vale mensal de Vilar Formoso. E a lembrança mensal da Covilhã a recordar a Mãe. E as cotas mensais de Coimbra, entregues a vendedor ou deixadas na Casa do Castelo. E a anónima de Miranda do Corvo.

Anónima de Coimbra; amêndoas da Auto-Industrial; 200\$ e roupas da Figueira; o mirandense que pediu para esperar enquanto foi a casa buscar uma mão cheia de notas; casais que vão deixar ao nosso Lar; duas anónimas de Leiria; «4.500\$ pelos 25 anos sacerdotais e 500\$ de renúncia quaresmal das crianças de Unhais da Serra»; 2.000\$ e bolos da Lousã a recordar a alma amiga do marido que o Senhor veio buscar. Pedimos a Deus que lhe dê a Paz.

A Maria Teresa, da Casa do Castelo, toda se regala quando puxa da sua pequenina pasta e me diz: «Vá lá, hoje tem sorte». Eu respondo-lhe que tenho sempre sorte. Há dias foi a «Opel» carregada de embrulhos que lá se foram amontoando.

Lembranças pelos vendedores de Leiria e de Castelo Branco; vale da Amadora; cheque das Parreiras; um cheque a penitenciar-se por não comprar o jornal quando o vendedor lho oferece; mil de professor de Porto de Mós; várias ofertas pela Casa de Paço de Sousa; Amiga do Seixo de Mira a recordar o marido que sempre nos acarinhou; a Senhora que à porta da Capela dos Franciscanos entrega a um dos nossos vendedores.

Ofertas várias no Fundão a recordar antes queridos: Um casal novo do Fundão que não

foi este ano à nossa Festa e veio à nossa Casa trazer sua oferta; 500\$ de mirandense a viver no Porto; visitantes de Pombal; 1.000\$ pelo Reitor da Sé Nova; 500\$ de Cebolais; «500\$ e roupas de anónimo da Covilhã, em sufrágio de seu Pai»; vizinhos que aparecem com frequência; cheque da Marinha Grande; sacerdote a viver na Lousã; vale de Chaves; 50\$ de Sobreira Formosa; 50\$ de Tomar; cheques e vales de Coimbra; Professora vizinha

que volta de vez em quando; um envelope que Amigos de Coimbra vieram trazer; um envelope que duas velhas Amigas foram deixar no nosso Lar; 500\$ e dólares que nos entregaram na Senhora da Piedade da Lousã; mãos que se me estendem nas ruas de Coimbra; mimos agora na Praia de Mira.

Na próxima semana começamos a ir a algumas Praias e Termas. Boas férias e boa saúde.

Padre Horácio

## 16 de Julho

Cont. da 1.ª pág.

sabia cá. Veio em gozo de férias.

— Neste dia eu não podia faltar. Em Benguela é sempre um grande dia de Festa!

Eu sei que sim. Como em Malanje também. Gaiatos de hoje e de ontem, estes com suas famílias, amigos e a própria Igreja Hierárquica costumam juntar-se-nos no dia de Pai Américo. E é mesmo Festa! Ainda mais significativa, se possível, porque não há ninguém que tenha conhecido o Pai de Família, porque não há a tradição da sua passagem física e depois... outros continentes, outras raças, distâncias que costumam estorvar a comunicação dos homens. O espírito, porém, não conhece limites. E quando ele é impregnado pelo Evangelho é, por natureza, universal. Eu creio já ter confessado nestas

colunas o sabor indizível que na minha derradeira estadia em Angola provei, mais do que nunca, da realidade que é a presença espiritual de Pai Américo e do seu ideal, nas nossas duas Comunidades e em redor delas. Fruto de trabalho humano, sem dúvida, mas completamente explicável só pela fecundidade que Deus dá. Sem a Sua graça nada é possível. Ele é o Semeador. Nem que a terra fosse boa por si mesma, que frutos poderia dar sem a semente que o Semeador sábu a semear?!

Mas ele há uma explicação ainda mais próxima da realidade, que não devemos esquecer: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão. Pai Américo teve esta intuição divina e o dom de a pôr em marcha.

«Como a Família é verdade!»

Padre Carlos

## Setúbal

Temos andado na conservação de algumas máquinas de uso doméstico, onde a ferrugem entrou. O «Boas» tem raspado e lixado onde há vestígios dela. Depois desta eliminada, a chapa é isolada e depois pintada.

Eu tenho presenciado estas manobras e quero ver mais além:

A ferrugem é um mal que existe também em nós. Se nos descuidamos, ela vai comendo a pouco e pouco a chapa frágil que somos. Não apliquemos a tinta por cima dela só para ser bonita. Não foi em vão que o «Boas» esteve a tirar a ferrugem. Custa mais, leva mais tempo, exige mais esforço, mas o tempo que se perde hoje é compensado amanhã.

As coisas estão cheias de ferrugem que vai roendo uma Sociedade inteira, se cada um no seu posto não se esforçar por a limpar e usar do que a época dá para a combater.

Hoje fala-se muito da Escola, de professores e de métodos de ensino. Pois sim senhor,

todos temos críticas para fazer, mas a ferrugem vai ficando tapada com o bonito da tinta e o apodrecimento acaba por vir ao de cima. Que a Escola e o Lar estejam de mãos dadas, porque não é tempo de andarmos a brincar aos professores e alunos como quando éramos miúdos.

Atirar pedras para quê e para quem se não é com elas que os nossos filhos se moralizam e cultivam?

Eu continuo a dizer que só pode dar quem tem. E ele há tantos professores que não têm que dar!... Tantos pais que não se importam que o menino seja assim ou assado!

Repito e não me canso de dizer: a moral falta nas escolas. Ela é o tempero que vem faltando e tornando cada vez menos saborosa e mais difícil de tragar a comida que desejamos.

Arregacemos todos, e cada um, as mangas e limpemos a «ferrugem».

Não se pode colher sem se semear. Somos todos responsáveis se deixarmos os nossos filhos encaaminharem-se pela vida fácil. É como que deixá-los voar sem asas.

Ernesto Pinto

# UMA CARTA

«Sou um jovem de 30 anos e desde há muito que leio O GALATO, mas nunca me propus para assinante; não por falta de vontade, mas como o compro sempre, não sentia a sua falta.

Gosto imenso das crianças e, por estas terras (Lisboa...), vêem-se tantas abandonadas, sem amor e sem carinho! No meu trabalho tenho muitos exemplos disso, pois sou factor no Metropolitano de Lisboa e diariamente vejo grupos delas, de todas as idades, andarem por lá nos comboios pedindo esmola; crianças que metem dó, com fome, todas sujas, descalças, abandonadas... O lema de todas é o mesmo. Grupos de duas, três, quatro, um bocado de cartão nas mãos com os dizeres: «Somos muitos irmãos, não temos pai (ou mãe). «A nossa mãe fugiu (ou o pai deixou a mãe)». E aí estão, essas crianças, postas ao espelho da sociedade em que vivemos.

De quem será a culpa? Da sociedade? Dos pais? De quem, não sei. Mas todos somos responsáveis por estes flagelos, partindo dos pais que não sabem dar uma educação como deviam e mesmo esses pais talvez nunca tivessem essa própria educação, a sociedade que não cria condições para melhorar o sistema... Resultado: é o que se vê no dia-a-dia. E as vítimas são sempre as inocentes crianças, que nada têm a ver com a falta de moralidade e de consciência dos pais.

No meu trabalho tenho conhecimento de casos dramáti-

cos. Crianças que andam ali desde as primeiras horas até ao fecho do Metro. Segundo me dizem, a algumas, os pais põem-nas fora de casa logo às primeiras horas do dia, quer faça sol ou chuva e dizem-lhes que só entram se levarem 200\$00 ou 300\$00, conforme os casos. De resto não as deixam voltar a casa. E lá ficam pelos cantos. Que tristeza!

Mas há outros casos: chega-se ao ponto de pedirem a essas crianças para irem mendigar por conta de terceiros! E não há quem deite mão a estes casos dramáticos, neste mundo que se quer mais feliz e mais humano! Mas o que se está fazendo para evitar estes casos? Pouco ou nada. Só as crianças



Frases alusivas ao Chile parecem querer iludir a própria realidade daquilo que ali mesmo é espectáculo conflagrador.

dos grandes centros urbanos sentem algo de benefício em prol da sua alegria, porque as da província nada têm para brincar.

É pena que não haja mais

centros como a Casa do Gaiato para acolher as crianças abandonadas. Pois todos os dias lemos notícias de casos graves, como ainda hoje: «uma criança

de 13 anos fechada numa capoeira durante 5 anos, em que sofreu graves traumatismos, sendo obrigada a recolher a um hospital psiquiátrico...»

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

refeição moderada, por causa da falta de hábito de comer; lençóis lavados e colchão fofo — ante a admiração dos seus utentes; carinhos de todos para os nossos pequenos; cuidados médicos e análises clínicas; eis o que se seguiu.

Passados oito dias, os nossos pequenos Carlos e Paulo, se é assim que se chamam, parecem outros. As suas peles

já se apresentam luzidias e o mais pequeno chama «pai» ao sr. Professor e aos Rapazes mais velhos, como que a atestar que toda a criança, mesmo sem conhecer os códigos, possui o direito de ter um pai e uma mãe.

No primeiro dia que falámos à Comunidade, no Altar, convidámos os nossos Rapazes, às vezes distraídos do bem que usufruem, a ajoelhar-se em espírito, no exemplo de Pai Amé-

rico, ante aqueles Cristos ultrajados. Por nós, que tantas palavras ouvimos sem sentido, algumas, pasma!, cheias de inveja pelo bem que vamos procurando fazer, só queremos continuar a cumprir o nosso dever, dando respostas efectivas e prontas aos problemas que se nos deparam, independentemente de inquéritos ou formalidades burocráticas.

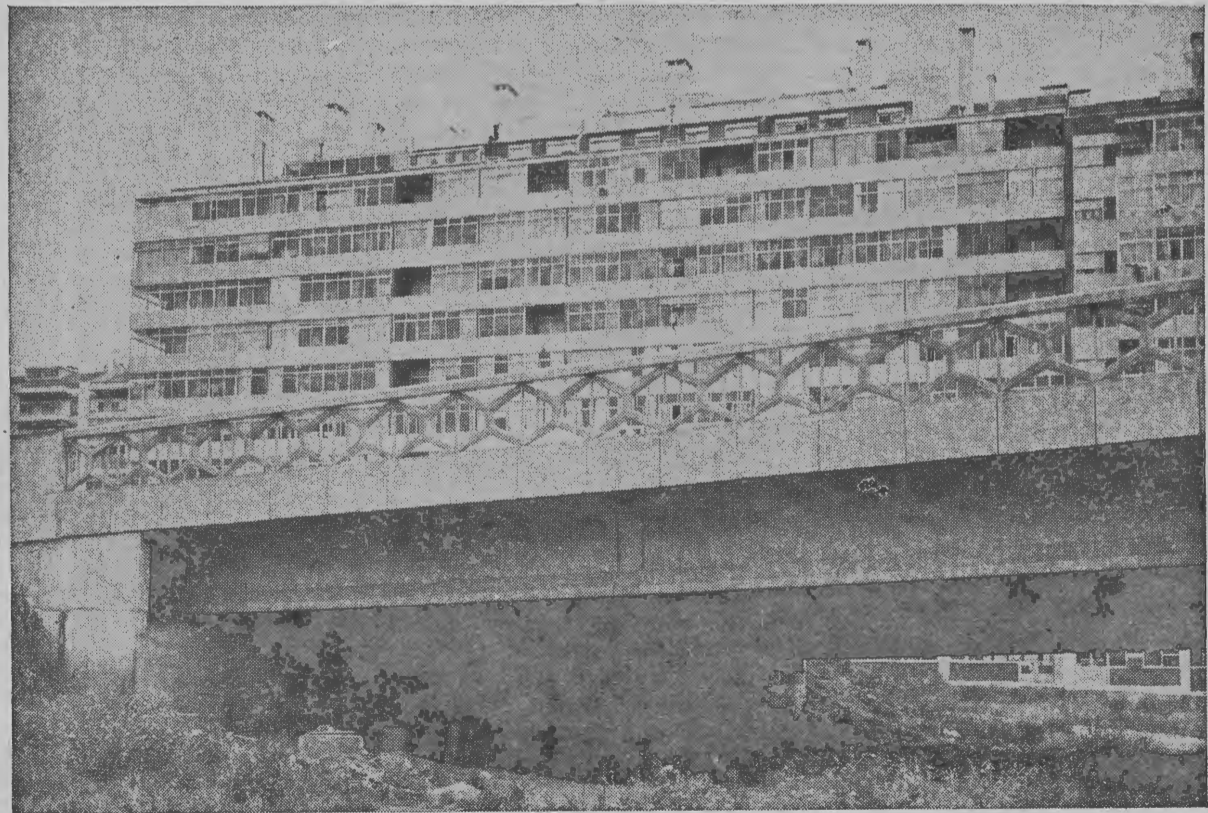
● A propósito de inquéritos. Estamos no País deles e das comissões de estudo. Dinheiro gasto. Tempo perdido. Resultados nulos. Quando se fala numa e noutra coisa já quase se adivinha ou subentende o adiamento sem limites ou o sofismar dos problemas. Pobre Terra!

● Nunca neste jornal ousámos ter-nos como mártires por causa da Censura, apesar dos muitos cortes havidos. Entendemos que a liberdade de Imprensa deve ser total, embora consciente e digna. Ela não é, porém, um fim em si mesma, pois deve estar ao serviço

último do Homem. Leis, justas e equilibradas, que a regulem, sem a amordaçar.

Quem escreve estas linhas já uma vez foi posto fora dos Serviços de Censura, em S. Pedro de Alcântara, por causa dum escrito de O GALATO. Nunca nos queixámos ou fizemos demagogia por isso. Pois bem, que não venham agora dizer isto e aquilo porque dela usamos, como direito inalienável duma sociedade pluralista. Era o que faltava! Não se respeita um direito que a todos pertence, pondo-o em causa, quando não nos agrada o que se escreve, fala ou diz. A tentação de alienar a consciência dos outros é de todos os tempos e reveste as mais diversas subtilezas. Em boa verdade não se deve agradecer um direito que nos é devido, embora se deva registar. Dizem-nos, todavia, que foi X ou Y que nos restituiu um direito; não nos obriga nem se pode conceber como limitativo da nossa liberdade de expressão.

Padre Luiz



Contrastes de uma grande cidade, como Lisboa: nos baixos do viaduto, que vence a antiga estrada de Benfica, depois do estádio da Luz, «moram» gente!



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa